



## TIC E EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO HISTÓRICO CRÍTICA

ELIANE BISPO DE ALMEIDA SOUZA  
SILVANE SANTOS SOUZA

EIXO: 14. TECNOLOGIA, MÍDIAS E EDUCAÇÃO

**Resumo:** No presente artigo, são apresentadas reflexões sobre a relação entre Tecnologia e Educação a partir da Concepção Histórico Crítica, capaz de promover mudanças de paradigmas e a reafirmação do papel da escola como espaço de construção de ideias profícuas que acelerem a criação e o processamento de saberes. Para o direcionamento desta investigação, seu foco está voltado para relação entre as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na educação e o papel da escola frente às ideologias dominantes. Ao tomar as tecnologias a favor dos processos educacionais, também se busca identificar como ocorre a construção do saber na era da cibercultura. As ideias aqui apresentadas estão fundamentadas em autores como Kenski, Lima Junior, Soares, Portugal e outros.

**Palavras-chave:** Educação. Tecnologia. Educomunicação.

**Abstract:** In this article, reflections are presented on the relationship between technology and education from the Critical Design History, able to promote paradigm shifts and the reaffirmation of the role of schools as fruitful ideas building space to accelerate the creation and processing of knowledge. For targeting this research, its focus is on the relationship between Information and Communication Technologies (TIC) in education and the role of schools in the face of dominant ideologies. By taking the technologies to the educational processes also seeks to identify how is the construction of knowledge in the age of cyberculture. The ideas presented here are based on authors such as Kenski, Lima Junior, Soares, Portugal and others.

**Keywords:** Education. Technology. Educommunication.

## INTRODUÇÃO

As tecnologias assumem um papel poderoso na transmissão dos valores, bem como sobre a concepção de homem e sociedade. Neste contexto, defendemos a ideia de que a tecnologia transforma vidas, melhora a relação entre as sociedades, principalmente pelos recursos tecnológicos que os seres humanos fazem uso no seu cotidiano. No contexto da contemporaneidade, em que as informações são processadas de forma e em tempo recorde, a tecnologia deve ser definida como um aparato que acompanha o desenvolvimento social, assumindo também a concepção educacional quando direcionada para interação com o ambiente escolar.

Os educandos vivem em meio aos recursos tecnológicos, em que o computador e a internet fazem parte do seu cotidiano. Essa realidade faz com que a escola insira nas suas práticas educacionais o uso desses recursos, mas, infelizmente, muitas vezes nos deparamos com uma avalanche de situações em que as escolas e os professores não estão se sentindo preparados para lidar com tantas informações. E, por não possuírem um domínio suficiente da tecnologia e seus dispositivos, preferem não usufruir dela. Isso acaba sendo um desafio para adaptar as unidades escolares a fazerem uso das TIC.

Mas, além dessa situação, existem outras explicações para a resistência do uso das TIC por parte dos docentes. Eles têm receio de não dominar essa nova linguagem, que é tão comum aos discentes. Outra razão é que os educadores, por não terem conhecimento sobre as práticas das TIC em sala de aula, não conseguem fazer um planejamento com ações voltadas para o processo de ensino-aprendizagem utilizando os recursos tecnológicos. Esse desafio dificulta o trabalho docente e faz com que o resultado seja apenas uma atividade de laboratório de informática, ao invés de ser mais um apoio didático e pedagógico.

Quando a tecnologia é concebida como dispositivo, esta impregna no processo de ensino-aprendizagem elementos que fazem com que a aula se torne mais atrativa e interessante. Dessa forma, proporcionar aos educandos um ensino diferenciado é missão de todos os educadores, o que o torna essencial para a melhoria da qualidade da educação, corroborando para a eficácia da função primordial da escola que é promover o desenvolvimento do aluno em todos os aspectos, tornando-os cidadãos preparados para o convívio social e para o exercício da cidadania.

Diante dessa realidade, a escola não pode deixar de trabalhar com os aspectos tecnológicos, já que estes estão sendo utilizados pelos educandos em diversos ambientes do seu dia a dia. Demo (2006, p. 11) destaca que os dispositivos tecnológicos “invadem o campo da educação, abrindo, de um lado, oportunidades virtuais praticamente inesgotáveis, e, de outro, reforçando o cinturão do mercado”. Com isso, também cresce a oferta e diversificação de produtos disponibilizados aos consumidores, principalmente em condições favoráveis para que diversas instituições adquiram enorme quantidade de produtos intitulados como tecnologia, que facilitam a realização de ações que, sem tal auxílio, seriam bem mais difíceis de serem executadas.

O professor é responsabilizado pelo sucesso do projeto pedagógico, seja qual for a concepção de educação adotada. Na contemporaneidade, a presença das TIC como dispositivo educacional pode favorecer, através da reflexão sobre a formação, a identificação tanto dos fatores que geram inovações, quanto das condições de estabelecimento de novas práticas, sendo imprescindível a análise das suas nuances.

Autores como Lévy (2008), Kenski (2007) e Duarte (2003) chamam a atenção para a forma como os dispositivos tecnológicos chegam às escolas, uma vez que os aspectos econômicos, políticos e sociais contribuem para que algumas unidades façam a aquisição sem, muitas vezes, consultar os professores sobre sua empregabilidade na prática pedagógica.

A Educação, frente ao avanço do processo tecnológico, vem conseguindo agregar e solidificar, na sua prática, uma consistente relação entre ela e a Comunicação, em que cada uma delas têm, como fator de sustentação, o princípio eficaz que é a construção da autonomia dos sujeitos. É um processo social básico que expressa toda relação de transmissão e de potencialização de ideias, de valores, de sentimentos entre as pessoas mediante um infindável acervo de signos, de certo modo organizados pela linguagem pela qual se faça opção. Essa autonomia se consolida na prática da democracia direta e na construção da heteronomia, como também pode direcionar-se para um caminho que traz como consequências a mutilação dos sujeitos, que resulta em sequelas desastrosas para a humanidade, uma vez que não levamos em conta suas implicações sociais relacionadas aos hábitos, percepções, conceitos, limites morais, políticos e individuais.

Com o avanço da tecnologia e o acesso cada vez maior ao conhecimento, os modos de produção levaram a humanidade a desenvolver mecanismos que cada vez mais o distanciam da condição ontológica de ser humano. Com isso, as pessoas foram se tornando cada vez mais artificiais, distanciando-se dos processos naturais, trazendo como consequências: a fome mundial, a degradação do meio ambiente, as armas nucleares e a manipulação genética, situação que muitas vezes não consideram os valores humanos.

## 1. PROCESSOS EDUCOMUNITATIVOS

A tecnologia, com vistas aos processos educocomunitativos, deve ser entendida não apenas como o mundo dos computadores, dos vídeos ou da utilização da internet e seus aplicativos.

[...] tecnologias são os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que os alunos aprendam. A forma como os organizamos em grupos, em salas, em outros espaços isso também é tecnologia. [...] O livro, a revista e o jornal são tecnologias fundamentais para a gestão e para a aprendizagem e ainda não sabemos utilizá-las adequadamente (MORAN, 2003, p. 152).

No embate entre vontade pessoal e coletiva, entre a identidade e a alteridade, na consciência de si e do outro, entre a relação sobre liberdade e opressão é que a educação se estabelece como campo. Segundo Nascimento e Hetkowski (2009):

Os grandes inventos na área da comunicação, sobretudo, após Segunda Guerra Mundial, foram capazes de impulsionar profundas transformações sociais com o acesso ao rádio; com o uso do rádio para o acesso à educação à distância, mais tarde a televisão; foram difundidas as grandes mobilizações sociais e políticas através do mundo pelas causas

populares; fundaram uma nova democracia que subverte a hegemonia dos setores dominantes; promoveram o despertar da humanidade em busca da autonomia. (NASCIMENTO e HETKOWSKI, 2009, p. 136)

Neste pensar, a educação é vista como um processo de aprendizagem sobre o que é o mundo, porém de forma fragmentada e desconectada. No entanto, este processo deveria ser uma tomada de decisão e reflexão sobre as escolhas dos sujeitos.

[...] As interações, as retroações, os contextos e as complexidades que se encontram na *man 's land* entre as disciplinas se tornam invisíveis. Os grandes problemas humanos desaparecem em benefício dos problemas técnicos particulares. A incapacidade de organizar o saber disperso e compartimentado conduz à atrofiada disposição mental natural de contextualizar e de globalizar (MORIN, 2000, p.42-43).

Frente ao processo de tomada de decisão, a educação é vista por muitos como um processo de exclusão social e cada vez mais contribui para o acirramento das diferenças sociais, pois durante muito tempo prendeu-se aos modelos autoritários, em que o papel do professor é o de detentor do conhecimento e o do aluno como um ser vazio a ser preenchido pelos “conhecimentos” transmitidos pelo professor.

Voltando à concepção de educomunicação como mecanismo de luta e manifestação do pensar social, Schaun (2002) vem salientar a necessidade de:

[...] ressignificar os movimentos comunicativos inspirados na linguagem do mercado da produção de bens culturais, mas que vão resolver no âmbito da educação como uma das formas de reprodução de organização de poder da comunidade, como um lugar de cidadania (SCHAUN, 2002, p. 15).

Diante deste panorama em que a educação adentrou-se, faz-se necessário discutir sobre as experiências de autonomia, sobre processos de emancipação do homem, bem como sobre a experiência da modernidade, a qual traz o princípio de que não há educação sem a construção conjunta de um projeto comunicação, em que a leitura e a visão de mundo são os fundamentos desta.

A educação ainda precisa deixar clara a sua visão sobre a complexidade do mundo, bem como sobre as dessemelhanças que se consagram entre a humanidade. Frente a esta situação, a escola hoje vem agregando novos princípios para o fazer educacional, devendo deixar claro seu processo intencional que é a emancipação humana, a qual se constrói fundamentada na valorização da vida, na busca constante da construção da autonomia sobre si mesmo e para o reconhecimento do outro como ser diferente em suas especificidades que formam as identidades.

O uso das TIC e a aplicação na educação trazem questionamentos que exigem esforços e reflexões constantes, pois segundo Lévy (2000, p. 30) “aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração” tendem a ser excluídos de forma radical, chamando a atenção

[...] para o indivíduo cujos métodos de trabalho foram subitamente alterados, para determinada profissão tocada bruscamente por uma revolução tecnológica que torna obsoleto seus conhecimentos (...) a evolução técnica parece ser a manifestação de um outro ameaçador (LÉVY, 2000, p.27-28).

A aplicação das tecnologias como recurso na educação é uma temática que desperta a atenção e o interesse porque pode contribuir para o enriquecimento da prática pedagógica em diversos contextos educacionais. Nesta vertente, Lévy (1993) afirma que as tecnologias, compreendidas como elementos mediadores da prática pedagógica, são passíveis de ampliar, exteriorizar e transformar as funções cognitivas.

A educação atrelada às tecnologias ganha mais significância quando os professores as dominam e as exploram nas ações pedagógicas. Tavares (2000) menciona que as “possibilidades de mudanças na educação, pela introdução progressiva da tecnologia, têm gerado questionamentos nos professores sobre o seu papel social e sua prática pedagógica.” Hoje mais do que nunca, “pode-se dizer que, a princípio, diante dos desafios dos novos instrumentos, os professores engajados nesse processo tendem a se preocupar em desenvolver habilidades tecnológicas”, as quais também são desenvolvidas pelos alunos.

## 1. CONCEPÇÃO HISTÓRICO-CRÍTICA

A educação escolar diante do parâmetro do avanço tecnológico deve ser definida dentro da perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica que acontece não apenas no nível da abstração, mas sim na atuação prática, a qual coloca a educação num nível ocupacional. Na visão de Saviani (2000), esta concepção se aproxima do materialismo histórico.

[...] a nível de pensamento de esquerda, o marxismo constitui, sem dúvida, a manifestação mais vigorosa. Nessas circunstâncias, configurou-se uma espécie de “moda marxista” que motivou várias das adesões aos marxismos no campo educacional. Lutando contra essas formas de modismo pedagógico confrontei-me, então, com o modismo marxista que implica em uma adesão acrítica e, por vezes, sectária, a esta corrente de pensamento. Situei-me, pois, explicitamente no terreno do materialismo histórico afirmando-o como base teórica de minha concepção educacional contra as interpretações reducionistas e dogmáticas que a moda estimulava (SAVIANI, 2000, p. 1).

Saviani (2000) também nos chama a atenção para o papel da educação dentro deste contexto de educação como uma proposta dialética, em que todo conhecimento deve ser resultante da tomada de consciência e da intervenção do homem no seu próprio processo de aprendizagem. Nela, todo conhecimento é fruto de uma proposta em que [...] o saber que diretamente interessa à educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo. Entretanto, para chegar a esse resultado a educação tem que partir tem que tomar como referência, como matéria-prima de sua atividade, o saber objetivo produzido historicamente (SAVIANI, 2000, p.13).

Por outro lado, o materialismo histórico, na sua concepção filosófica de mundo, enxerga a sociedade na dimensão da estrutura e da superestrutura, com competências e potencialidades, as quais estão diretamente relacionadas à dialética e às contradições encontradas nessas dimensões.

Tal saber é fruto da aquisição dos conhecimentos clássicos essenciais para a transformação social, a partir da elevação intelectual, fruto dos discursos sobre a dialética e a consciência humana, em que as linguagens das mídias vêm proporcionando aos alunos a oportunidade de utilizá-las com desenvoltura e seriedade para aprimorar duas habilidades essenciais que é a leitura e a escrita de textos diversos. Por meio dela, conhecimentos e aprendizagens serão compartilhados por todos os envolvidos no processo educativo, seja apenas como ouvinte ou como integrante do grupo que faz o planejamento e execução dos programas que levam a:

[...] a transmissão-assimilação do saber sistematizado. Este é o fim a atingir. É aí que cabe encontrar a fonte natural para elaborar os métodos e as formas de organização do conjunto das atividades da escola, isto é, do currículo. E aqui nós podemos recuperar o conceito abrangente de currículo (organização do conjunto das atividades nucleares distribuídas no espaço e tempo escolares) (SAVIANI, 2000, p. 23).

A escola, dentro deste âmbito de propagação do saber e sendo um ambiente promissor da sistematização do conhecimento historicamente construído, deve agregar a maior gama de tecnologias a serem utilizadas a serviço do fazer social e educacional. Dessa forma, ela vai poder identificar, a partir do uso do computador e seus recursos, como um dos exemplos de maior exploração no contexto social, as contribuições da tecnologia para o avanço do processo ensino e aprendizagem. E, para isso, nada melhor do que reconhecer a importância dos dispositivos virtuais que são eficazes para a ação educativa, capaz de sistematizar e socializar informações coletadas por educandos e educadores, além de demonstrar, que a aprendizagem em rede é um dos princípios da educomunicação e que está presente na vida contemporânea e no processo de construção do conhecimento.

A informação e a comunicação sempre foram elementos de grande importância para as sociedades, principalmente no processo de construção e disseminação da cultura. Pois, desde os tempos mais remotos, a humanidade buscava trocar informações, as quais eram essenciais para a localização, registro de território e, principalmente, para o processo de comunicação.

Lévy (2000), de forma clara, afirma que novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo formadas no mundo das telecomunicações e da comunicação. As relações estabelecidas nos convívios entre os homens, o trabalho e até mesmo a construção e desenvolvimento da inteligência dependem da mudança constante de dispositivos usados para informação e comunicação. A aquisição e aprimoramento da capacidade de escrita, leitura, interpretação, visão, audição, criação, ensino e aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada, o que acaba corroborando com o processo da educomunicação.

De fato, as contribuições que as tecnologias vêm trazendo para a nossa realidade, essencialmente para a educação, são notórias, principalmente por permitir a visualização de um novo ambiente que são educacional e pedagógico, construídos no âmbito da escola e da família, enquanto estruturas organizadas.

A concepção da contemporaneidade é caracterizada pela presença dos atores sociais conectados em rede, convergência das mídias, o que configura o processo comunicacional.

O professor, dentro da concepção de ensino e aprendizagem em rede, precisa criar novas metodologias de ensino que tenham como ponto de sustentação a realidade da escola e de seus protagonistas, em que o uso da Internet na escola hoje se configure como sendo uma exigência da cibercultura, a qual deve ser concebida como um novo ambiente comunicacional-cultural que surge na consolidação e na interconexão mundial de computadores em forte expansão no início do século XXI.

A cibercultura é definida por muitos autores como uma cultura contemporânea, cujo enfoque discursivo salienta "que não envolve apenas discurso no sentido estrito". Nesta sociedade, os indivíduos formam comunidades virtuais, que tem como espaço de conexão os ciberespaços. Para Lemos (2002),

Este (o ciberespaço), enquanto forma técnica, é ao mesmo tempo, limite e potência de uma estrutura social de conexões tácteis, que são as comunidades eletrônicas (chats, MUDs e outras agregações eletrônicas). Em um mundo saturado de objetos técnicos, será nesta forma técnica (as redes telemáticas) que a vida social vai impor o seu vitalismo.

As diversas manifestações contemporâneas de cibercultura podem ser vistas como a expressão cotidiana da vida que se rebela contra as formas instituídas e cristalizadas (LEMOS, 2002, p. 83).

Uma das características que configura o fazer pedagógico permeado de interatividade é que consegue fazer a diferença na nova concepção de educação em rede, em que as conversações e produção em rede levam a concretização da cultura digital, mais especificamente virtual que “privilegia a inteligência coletiva” (Lévy, 1999, p.24), sendo fundamental para a concepção de aprendizagem que também passa a ocorrer em rede.

Hoje, exige-se cada vez mais a criação de novos espaços de sociabilidade, de organização, de informação, de conhecimento e de educação, em que a escola deve criar projetos educativos, atualizados, dinâmicos e consistentes, os quais possam refletir os valores democráticos da sociedade contemporânea. Nesse cenário, deve ser exigida uma qualidade, além de permitir o fortalecimento das potencialidades dos professores e alunos.

## 1. DESAFIOS DA EDUCAÇÃO

Um dos principais desafios a ser superado na escola pública e que também é uma questão pedagógica é o despertar da atenção dos jovens educandos para o contexto escolar. Ao falarmos em emancipação, também fazemos referência à emancipação que torna os sujeitos dotados de direitos, incluindo-se aí os de aprendizagem, os quais devem ser repletos de sentidos e significados para os alunos. Segundo Saltini (2008):

Tornando-se gente, o indivíduo qualifica-se como ser social, pronto a contribuir para o seu país, para a sociedade: um ser livre e criativo que busca, critica, renova, entende, pensa e possui as estruturas necessárias para que possa integrar-se à sua família, ao seu Estado. Enfim, ele é um ser que se relaciona em uma trama de desafios, cooperações e, principalmente, competições (SALTINI, 2008, p. 126).

A educação deve propiciar, além dos conteúdos curriculares, oportunidades para que os alunos também compartilhem lições de cidadania, solidariedade, respeito às diferenças, sejam elas de gênero, etnia ou crença religiosa e, essencialmente, ações que culminem na autoestima elevada, pois, a partir desta conquista, os alunos estarão mais motivados para o aprender, além de verem um novo significado na escola, diminuindo também os elevados índices de evasão.

Para promover a melhoria da qualidade das ações pedagógicas, não bastam apenas atividades de caráter oficiais e cumprimento de programas. Podemos dinamizar com práticas que colaborem com o pensar, que alimentem sonhos e utopias. Trabalhando com a identidade deste sujeito, estaremos também valorizando seus conhecimentos prévios, suas conquistas, fazendo-os se sentirem mais importantes, detentores de opiniões e pensamentos que nos levam a refletir sobre algumas ações realizadas, principalmente pelos “detentores da informação científica”.

O passo inicial para transformação da educação a ser oferecida pela escola pública parte do respeito mútuo, da tolerância para com os ideais destes alunos e para com a diversidade, pois, na sua maioria, a clientela é constituída por filhos de lares injetados de problemas conflituosos, além da inserção de práticas que agridem a condição humana. Essa relação afetuosa é reforçada por Cunha (2008) ao afirmar que:

o ponto de partida de qualquer trabalho pedagógico deve ser a emoção. Como vimos, a emoção do aprendente apropria-se do que será apreendido e, desta forma, o afeto atua no início do processo de aprendizagem para canalizar a atenção e no final para ajudar a memória no resgate das informações (CUNHA, 2008, p. 44).

De acordo com o posicionamento supracitado, a emoção corresponde à dimensão humana eficaz para o desenvolvimento de novas potencialidades, cabendo à escola desenvolver práticas motivadoras que resultem em um novo pensar e fazer na educação pública. Segundo Costa (2003), faz-se necessário articular os saberes e as práticas escolares, onde argumenta que estes precisam ser vistos como algo com mais amplitude. Com este pensar, as ações escolares não podem ser dissociadas da relação entre teoria e prática. Elas devem ser vistas como produto da reflexão humana, pautadas na concepção de construção do conhecimento e na busca pela transformação social.

Os processos de construção do saber ficam mais plausíveis quando a educação está relacionada com as informações da realidade e que são amplamente divulgados nos meios de comunicação. Os conceitos de educação e comunicação passam a ser vistos como seqüências de um processo cada vez mais inter-relacionado [...] requisitam-se para esclarecerem-se, pedem-se para que nenhum dos termos ganhe autonomia a ponto de ressoar, ou anacronismo, como no caso da escola ou hiper-realidade que tudo completa e tudo responde a exemplo dos media (CITELLI, 2000, p.17).

Morin (2001) retrata, assim como outros autores que estudam a relação entre educação e comunicação, as funções da educação na sociedade, direcionando olhar sobre a resolução de problemas sociais:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a introdução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despistar (MORIN, 2001, p. 39).

Na concepção da Pedagogia Histórico-crítica, as condições de produção, bem como as formas de socialização devem ser as mais acessíveis possíveis de modo que se tornem assimiláveis por todos os envolvidos no processo de aprendizagem. Assim, a aquisição do conhecimento historicamente construído deve ser concebida como uma prática de descoberta, fruto da investigação, respaldada na racionalização e na singularidade logicamente planejada.

Freire (2001) vem nos apontar a necessidade de discutir sobre a importância das tecnologias na educação, porém chama atenção quanto ao seu uso e sua intencionalidade ao afirmar que:

A educação não se reduz a técnica, mas não se faz educação sem ela. Utilizar computadores na educação pode expandir a capacidade crítica de nossos meninos e meninas. Dependendo de quem o usa, a favor de quem e de quem e para quê. O homem concreto deve se instrumentalizar com o recurso da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e libertação (FREIRE, 2001, p.98).

As tecnologias devem ser vistas como mecanismos a favor do crescimento humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As TIC fazem parte dos diversos contextos sociais, auxiliando a tomada de decisões diante das complexidades que o mundo vivência. Neste pensar, não podemos negar o legado que a educação tem a utilizar que provem do conhecimento humano e que hoje é compartilhado e reconstruído a todo o momento através dos vários dispositivos tecnológicos existentes.

Frente à empregabilidade que os professores fazem ou não sobre as TIC em suas práticas educativas, podemos tecer algumas considerações, como as condições e competências para utilização das TIC no ambiente escolar apresentam fragilidades tanto na estrutura dos espaços como no posicionamento adotado pelos professores, os quais se colocam na posição de defensiva sobre o domínio e possibilidades que a tecnologia pode favorecer aos processos educacionais.

Portanto, podemos afirmar que se faz necessário o desenvolvimento de habilidades tecnológicas, cognitivas e afetivas, tanto dos professores quanto dos alunos, fazendo com que eles possam avançar para criar uma sociedade real e virtual, em que a escola deve procurar reencontrar seu caminho, e os professores possam ver sentido em sua *práxis*.

## REFERÊNCIAS

- CITTELLI, Adilson. Educação e Mudanças: novos modos de conhecer. In: CITELLI. Adilson (org). **Outras linguagens na escola**. SP, Cortez, 2000.
- COSTA, C. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2005.
- CUNHA, Eugênio. **Afeto e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- DEMO, Pedro. **Formação permanente e tecnologias educacionais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- \_\_\_\_\_. PESQUISA SOCIAL. In. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 17, n. 1, p. 11-36, 2008.
- DUARTE, Rosália. Por que estudar a mídia? **Teias**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7-8, dez. 2003. p. 1-3.
- FRANCO, J. F., LOPES, R.. **Usando Tecnologias Interativas como Suporte para Autoria e Construção Colaborativa de Conhecimento**. Rev. Novas Tecnologias na Educação. CINTED-UFRGS. V.3 Nº 1, Maio, 2005.
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. 14a. edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. Coleção Educação e comunicação.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, , 184 p.,1994.
- FURTER, P. **Educação e vida**. 12. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1992.
- KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003
- LEMONS, André. **Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, P. **A conexão Planetária: o mercado, o ciberespaço a consciência**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999 208p
- \_\_\_\_\_. **Cibercultura**. 3ª ed. São Paulo: 34, 2008.
- LIMA JR, Arnaud Soares de. **A escola no contexto das tecnologias de comunicação e informação: do dialético ao virtual**. 1. ed. Salvador: Eduneb, 2007.
- MORAN, José Manuel, MASETTO, Marcos & BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 7a ed. São Paulo: Papirus, 2003.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.
- NASCIMENTO, Antônio Dias & HETKOWSKI, Tânia Maria. **Educação e Contemporaneidade : pesquisas científicas e tecnológicas**. Salvador : EDUFBA, 2009. 400 p.
- NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

- OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky – Aprendizado e desenvolvimento: Um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.
- OLIVEIRA, Sandra Suely. **A formação de professores na modalidade a distância: a docência, o ensino e a prática pedagógica em discussão** [Dissertação de mestrado – Mestrado em Educação]. Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2012.
- PRETTO, N. L. **Uma escola sem/com futuro**. Campinas: Editora Papyrus, 1996, p. 77
- \_\_\_\_\_. **Uma escola sem/com futuro** : Educação e multimídia. Campinas: Papyrus, 1999a.
- RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2011
- SALTINI, CLÁUDIO. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- SCHAUN, Angela. **Educomunicação: Reflexões e Princípios**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2002.
- TAVARES, K.C.A. **O Papel do Professor: Do Contexto Presencial para o Ambiente Online e Vice-Versa**. Disponível em: [http://www.revistaconecta.com/conectados/katia\\_papel.htm](http://www.revistaconecta.com/conectados/katia_papel.htm). Acesso em 05 de mai de 2015.

Mestranda em Crítica Cultural pela UNEB – Campus II, integrante do grupo de pesquisa NUTOPIA, [elianebasouza@hotmail.com](mailto:elianebasouza@hotmail.com)

Mestrando em Crítica Cultural pela UNEB – Campus II, [silvanerio@hotmail.com](mailto:silvanerio@hotmail.com)

Recebido em: 29/05/2015  
Aprovado em: 30/05/2015  
Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort  
Metodo de Avaliação: Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi: